

Armadilhas da fé: reflexões sobre intolerância religiosa a partir de uma teleficção sombria

Pitfalls of faith: reflections on religious intolerance
from a dark telefiction

 Robéria Nádia Araújo Nascimento

Resumo: À luz da epistemologia dos Estudos Culturais (HALL, 2004; 2016), este texto problematiza a minissérie de terror *Midnight Mass* (Missa da Meia-Noite) como ponto de partida para a compreensão da intolerância religiosa, um fenômeno que ameaça a convivência na sociedade contemporânea. Os movimentos linguísticos de representação, apropriação, intencionalidades e disputas simbólicas do produto ficcional em estudo permitem visualizar os arquétipos religiosos e os conflitos criados pelo imaginário popular como elementos indutores de segregação social. Apesar de se referir a outra espacialidade o contexto instiga reflexões oportunas sobre preconceitos, estigmas e tensionamentos que afetam as crenças minoritárias no nosso país, especialmente as de matrizes africanas, cujos rituais e adeptos tendem a ser demonizados pela esfera pública, silenciados e vistos sob suspeita pelas vertentes cristãs. Assim, o gênero ficcional de terror, por seus mecanismos de fruição e produção de sentidos, pode favorecer condições de inteligibilidade acerca dessa temática.

Palavras-chave: Missa da Meia-Noite. Ficção seriada. Intolerância religiosa.

Robéria Nádia Araújo Nascimento. Doutora em Educação, Professora do PPGFP (Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores). Universidade Estadual da Paraíba.
E-mail: rnadia81@gmail.com


Abstract: In the light of the epistemology of Cultural Studies (HALL, 2004; 2016), this text problematizes the horror miniseries *Midnight Mass* as a starting point for understanding religious intolerance, a phenomenon that threatens coexistence in society contemporary. The linguistic movements of representation, appropriation, intentions and symbolic disputes of the fictional product under study allow us to visualize the religious archetypes and the conflicts created by the popular imagination as inducing elements of social segregation. Despite referring to another spatiality, the context instigates timely reflections on prejudices, stigmas and tensions that affect minority beliefs in our country, especially those of African origins, whose rituals and adherents tend to be demonized by the public sphere, silenced and viewed under suspicion. by Christian strands. Thus, the fictional genre of horror, due to its mechanisms of fruition and production of meanings, can favor conditions of intelligibility about this theme.

Keywords: *Midnight Mass*. Serial fiction. Religious intolerance.

Introdução

Presente texto apresenta observações teóricas e preliminares de uma pesquisa em curso na qual uma Análise Narrativa de tipologia temática se debruça sobre o arco dramático da minissérie *Midnight Mass* (Missa da Meia-Noite). A produção americana de terror orbita em torno de arquétipos e simbolismos religiosos entrelaçando o mistério e o sobrenatural. Desenvolvida por Mike Flanagan, e lançada na plataforma da Netflix em 24 de setembro de 2021, segue a trilha de outros sucessos do mesmo autor, as séries *A Maldição da Residência Hill* e *A Maldição da Mansão Bly*.

Hibridizando elementos de suspense, *Missa da Meia-Noite* trata do impacto significativo da violência física e simbólica quando uma premissa religiosa é defendida de forma irracional. Isto é, quando uma



crença propaga uma suposta superioridade em nome de Deus para justificar atrocidades, invisibilizar pensamentos diferentes ou anular as demais denominações no espaço coletivo. É justamente a ênfase no imaginário cristão que sugere conexões com o fanatismo religioso, e que nos levou a investigar os impactos dos discursos autoritários de fé em relação a outras religiosidades com suas estratégias (muitas vezes sutis) de opressão. No viés de Durand (2002), o imaginário coletivo é a faculdade que parametriza o fluxo de identificações culturais através de arquétipos e analogias que formam os mitos. Tais mitos alimentam os comportamentos e pensamentos sociais.

Por artifícios da linguagem, o gênero ficção oferece condições para que a audiência seja capaz de construir significados a partir do que vê e ouve. Nesse prisma, o texto e a estética do audiovisual se sustentam, então, no plano de sentidos das vivências espectorais diretamente relacionadas aos seus repertórios. Isto é, de alguma maneira e por vários artifícios, a tela da TV tende a reproduzir o “já visto” e os desafios do cotidiano social. Nesses termos, os contornos narrativos de *Missa da Meia-Noite* nos permitem vislumbrar, ainda que parcialmente, o estranhamento em relação às crenças minoritárias na nossa sociedade. Assim, a minissérie parece oferecer nexos de sentidos para as representações (HALL, 2016) culturais religiosas, descontando-se, obviamente, nuances de ambiência e os recursos do realismo fantástico mobilizados no arco dramático da produção americana. Ou seja, o movimento discursivo ficcional tende a ser subjacente à intolerância com as diferenças religiosas, solicitando interpretações e reflexões sobre a temática


As tramas discursivas, conforme ensina Moita Lopes (2002), envolvem a coparticipação dos interlocutores em situações de negociação e agenciamentos de linguagem. Se os discursos são constructos sociais,

os significados só emergem quando os participantes se envolvem e envolvem outros em circunstâncias culturais e históricas particulares: “Isso quer dizer que a alteridade e o contexto são categorias básicas para compreender *como* o significado é elaborado” (MOITA LOPES, 2002, p. 30).

O autor avalia que o problema do apagamento das diferenças carece, na verdade, da percepção de um mundo plural, no qual os seres humanos não podem ser vistos de forma homogênea. Sob essa lógica, o direito a ser diferente, seja no âmbito religioso, étnico ou de gênero, configura uma luta sociopolítica, mas que não pode reverberar em desigualdades discriminatórias. Por tal ótica, o contexto da minissérie pode mediar uma nova racionalidade acerca das discriminações religiosas, com suas assimetrias e conflitos, destacando-se, especialmente, as repressões às religiões afro, pois sabemos que a matriz africana de fé, em suas condições híbridas, ancestrais e orais¹, diferencia-se da visão dogmática cristã ocidental, cujos princípios são organizados em escrituras que traduzem visões de mundo brancas, eruditas e eurocêtricas.

Jost (2012) assinala que as produções ficcionais, por mais fantasiosas que se pretendam, de algum modo incitam a racionalidade do mundo real “pelo ganho simbólico de verdade que possibilitam ao espectador” (JOST, 2012, p. 25). Por isso, a “universidade antropológica” dos produtos ficcionais faz alusão a um espectro humano crível, onde cada personagem é trabalhado nos seus aspectos mais corriqueiros e

1. Os saberes orais africanos agregam divindades, experiências, informações, rituais e memórias cujas performances são secundarizadas pelas religiões cristãs em virtude de serem fruto de sociedades ágrafas. E isso é, de modo pejorativo, relacionado à uma suposta ignorância dos africanos como motivação de menosprezo a suas práticas sagradas. Entretanto, o valor das crenças africanas reside, justamente, no respeito aos saberes dos antepassados. Portanto, suas religiões são marcadas pelos costumes e tradições da ancestralidade. Póvoas (2007) lembra que nos terreiros de Candomblé “venera-se o antigo como forma de preservar a memória” (PÓVOAS, 2007, p. 267).



simplórios, visando a intertextualidade social e a tradução de verossimilhança. Também corroborando a ideia das interfaces discursivas, Lopes (2009) explicita que os produtos ficcionais forjam um repertório cultural para reconhecimento coletivo.

Na nossa leitura, *Missa da Meia-Noite* revela que o real do terror encontra a ficção, e vice-versa, já que a vida em sociedade denuncia terríveis consequências quando a noção de alteridade é desconhecida ou ignorada na convivência cotidiana. Descortinando os enquadramentos ficcionais, cremos que alguns elementos acerca da intolerância podem ser inferidos nos (des)encontros de fé retratados na minissérie pelas evidências do cristianismo como caminho religioso legítimo para uma suposta salvação da humanidade, pensamento que desqualifica as demais vertentes religiosas que compõem um mundo diverso.

Mas não se trata de traçar uma equivalência entre os simbolismos sobre a finitude humana, presentes na narrativa, e as manifestações religiosas afro-brasileiras, ou de associá-las a mecanismos de *terror*, já que a série se alinha a esse gênero. Intensamente afetadas pela demonização, observamos que as afroreligiões lutam para (re)existir. Portanto, o que nos importa, na pesquisa, é procurar indícios para a compreensão de um mesmo fenômeno social que afeta as crenças minoritárias e as excluem pela lógica desumana do preconceito. Sob tal argumento, *Missa da Meia-Noite* reproduz a mesma opressão que afeta os grupos diferentes cujas sociabilidades e religiosidades são marginalizadas e silenciadas.

Ainda sobre a defesa das imbricações ficcionais com a realidade social, Bulhões (2009) salienta o extraordinário poder que a linguagem “inventada” para a TV adquire na construção de verossimilhança, atuando como fonte imersiva de uma pluralidade de vozes. Em nome dos raciocínios articulados, algumas inquietações movem a análise de *Missa da Meia-Noite*: Será que a mesma fé, vista como a salvação de mui-



tos, também pode ser ferramenta de perdição e insanidade coletiva? O que será possível notabilizar, ao longo dos episódios, acerca dos males da intolerância religiosa? Por que tais representações se intercambiam numa trama de terror? Ao aproximarmos o enredo com o contexto social brasileiro, quais discriminações e violências incidem contra as religiosidades africanas, seus espaços sagrados e/ou adeptos? Até que ponto as retóricas de superioridade de uma crença sobre outras alimentam o imaginário cristão popular e, igualmente, reverberam hipocrisias ou reforçam a segregação das religiosidades de matriz africana?

Parece-nos, de todo modo, evidente a hipótese de que qualquer sociedade, na qual existam posturas excludentes, particularmente racistas, homofóbicas ou misóginas, tende a produzir “ensaios do apocalipse” que, de fato, nos dividem e ameaçam o processo civilizatório para além dos dogmas religiosos professados. Nesse importante aspecto, a vida representada pela ficção encaminha expressivas reflexões sobre a vida coletiva do mundo real no que tange à concepção de liberdade religiosa.

Nessa perspectiva, os fundamentalismos religiosos da minissérie nos instigam a verificar os estigmas e a forma pejorativa com que algumas crenças são silenciadas no nosso país. Somos induzidos a duvidar se existe mesmo uma ética de convivência cidadã no nosso espaço público, apesar da configuração laica do Estado brasileiro. Por essa via, o discurso de intolerância disseminado em *Missa da Meia-Noite* chama atenção para as cisões e tensões que geram o caos dos fundamentalismos.

Circunscrevemos, neste momento, os pressupostos metodológicos que guiam a pesquisa, e, em seguida, apresentamos os núcleos dramáticos. Na sequência, ressaltamos as potencialidades narrativas do gênero ficcional de terror, culminando numa breve discussão teórico-conceitual acerca da intolerância religiosa (SILVA, 2007) e seus impactos no campo religioso afro-brasileiro.



Incurção metodológica: os percursos e as escolhas conceituais

A primeira fase do estudo consistiu numa Análise Temática (MOTTA, 2013) dos episódios para identificação dos eixos de terror que se vinculam à problematização da intolerância. É ela que fundamenta nossas reflexões neste texto. O momento empírico, ainda não vivenciado, e cujo planejamento está em processo, visa tecer interlocuções com discípulos das religiões de matriz africana a fim de ser possível ouvir suas histórias de pertencimento religioso e preconceitos. Ambas as fases demandam um empenho interpretativo guiado pela revisão de literatura no intuito de encontrar respostas para as questões que se reportam a tais cosmologias.

A Análise Temática se refere a um dos princípios metodológicos da Análise Narrativa (MOTTA, 2013) e possibilita o registro das circunstâncias enunciativas (linguísticas) para o descortínio do objeto discursivo central. Trata-se de uma ferramenta que investe na recomposição dos sentidos da linguagem, cujos pontos de partida se revelam no tema inicial da superfície de enunciação incorporando seus desdobramentos e/ou deslocamentos. Nessa fase, são observadas as condições de produção que nos permitem visualizar entrelinhas, tecer induções e inferências, porque os dizeres da trama e de seus personagens nunca são suficientes frente aos interditos, *não ditos* e seus possíveis significados.

No empenho de descortinar a discursividade da série foram analisadas as ambiências, as estéticas de terror e/ou os diálogos entre os personagens, bem como os objetos ou figuras das cenas que se mostraram apropriados para uma compreensão narrativa preliminar. As seguintes etapas embasaram o movimento de interpretação, que se encontra em processo e que, portanto, está sujeito a idas e vindas:




1. Descrição da trama e de seus personagens;
2. Rastreo das abordagens de intolerância religiosa via mediação dos acontecimentos retratados;
3. Identificação dos estigmas, arquétipos e simbologias que permeiam o imaginário religioso da minissérie (DURAND, 2002);
4. Análise das ambiências dos episódios para exemplos do fanatismo religioso e das apropriações dos mitos cristãos;
5. Verificação das práticas de marginalização religiosa associadas às simbologias e rituais de origem africana na fase posterior à análise;
6. Planejamento de entrevistas com membros das comunidades religiosas de origem africana (Candomblé ou Umbanda).

A dinâmica das entrevistas que integra o momento empírico será semiestruturada com a finalidade de estabelecer um ponto de partida dialógico com os interlocutores, mas, ao mesmo tempo, permitir que se expressem livremente, a partir dos pretextos lançados pela série em estudo. A Análise Temática, por sua vez, aglutinou os sete episódios da única temporada, cujos títulos possuem inspiração bíblica, a saber: Livro I: Gênesis, Livro II: Salmos, Livro III: Provérbios, Livro IV: Lamentações, Livro V: Os Evangelhos, Livro VI: Atos dos Apóstolos e Livro VII: Apocalipse. Em cada um foi notabilizado o Plano da História para síntese das falas e/ou situações que retratam ações de intolerância, explícitas ou disfarçadas pelas estratégias narrativas do terror ficcional.

Referências específicas sobre a cultura de séries em seus cruzamentos religiosos contribuíram para a compreensão dos enfoques dramáticos e enriqueceram a revisão bibliográfica, sempre sujeita a acréscimos em razão do cronograma a ser cumprido²: Jost (2012), Anaz (2018; 2021), Lopes (2004; 2009), Oliveira (2011), Schiavo (2008),

2. A previsão é que o estudo seja concluído até novembro de 2023.



Silva (2007), entre outros. Para a percepção das singularidades do gênero terror, têm sido essenciais as contribuições de Nogueira (2010), Lovecraft (1987), Todorov (2010) e King (2012).

Já foi possível perscrutar em *Missa da Meia-Noite* fragmentos alusivos à culpa e à consciência humana, que se entrecruzam à decadência moral dos personagens, notabilizando-se presságios e milagres que cercam os aspectos aterrorizantes das escrituras sagradas, inspiradas nos pressupostos cristãos. A narrativa propõe uma visão apocalíptica de final dos tempos, decorrente das sugestões bíblicas. Os marcadores de “boas intenções” dos personagens se fundamentam em torno de um Deus punitivo, justificados por distorções de comportamentos que reforçam discursos opressores sobre a noção de pecado, alimentam o imaginário do pecado e produzem acepção de pessoas à luz de uma moral supostamente cristã. Isto é, a exclusão de uns e outros personagens é sempre explicada pela “vontade de Deus”, e esse Ser, ao longo da trama, não estimula a empatia e nem o exercício da alteridade entre os discípulos que habitam a ilha e professam a mesma crença religiosa. Interessante evidenciar que são justamente os membros do islamismo que se mostram mais solidários em relação à coletividade, para além das crenças religiosas e seus paradigmas, embora não possam escapar do destino trágico que lhes foi reservado na trama.


Em razão das observações, o exercício de leitura ficcional nos levou a concordar com Martín-Barbero (2014; 2017) que os produtos não prescindem das mediações culturais, estabelecendo relações de sentidos que as explicam, materializando a circulação, apropriação e interação de múltiplos códigos e significados na sociedade. Por tais caminhos, a ficção ratifica o mundo cultural em sua diversidade, ao mesmo tempo em que aciona uma potência sensorial de apelo à criticidade dos

espectadores. Não apenas importa atentar para *o que dizem* as narrativas, mas *como dizem* e *o que fazem para dizer*.

As representações temático-culturais (HALL, 2016; BULHÕES, 2009) “radiografam” as identidades fragmentadas e as problemáticas contemporâneas delas decorrentes tornando possível enxergar motivações que comprometem a harmonia dos laços sociais. Lopes e Lemos (2019) pontuam que essas narrativas do imaginário exploram um âmbito de consumo de ideias, repercussão e reapropriação para o envolvimento sensível e subjetivo da audiência. A religião cristã, centro da narrativa de *Missa da Meia-Noite*, é tratada de forma extremista, primitiva, atuando como ferramenta de temor para a perseguição aos indivíduos destoantes das normas. Quando a hegemonia católica é reproduzida, segundo atesta um legado histórico perverso de caça às bruxas na Idade Média, as associações às lendas, aos mistérios do sobrenatural e às crendices populares culminam no cerceamento das liberdades individuais com trágicas punições que chegam à subtração de vidas. O contexto conduz Lovecraft (1987) a alertar: “Todas as condições da vida selvagem primitiva levavam tão fortemente à impressão do sobrenatural que não é de admirar o quão completamente a essência hereditária do homem veio a saturar-se de religião e de superstição” (LOVECRAFT, 1987, p. 11).

A atmosfera sombria de *Missa da Meia-Noite*: entre o terror e o mistério


A trama expõe atrocidades e superstições que se desenrolam a partir da figura misteriosa de um sacerdote, o Padre Paul (Hamish Linklater), que chega à decadente e isolada Ilha de Crockett, em substituição ao monsenhor idoso, responsável pela única paróquia há décadas. Embora seja recebido com surpresa, a postura persuasiva e carismá-



tica do jovem religioso logo chama a atenção do pacato grupo local, que se resume a 127 habitantes. Sua chegada coincide com o retorno de Riley Flynn (Zach Gilford), um nativo de personalidade problemática, atormentado por sua consciência, e que se tornou ateu após um acontecimento trágico que marcou sua história. Nesse preâmbulo estão postos os conflitos da fé e a perda de esperança que colocam em xeque o significado dos princípios cristãos, aprendidos desde a infância, principalmente para um coroinha católico que passou a maior parte da vida na igreja.

Contudo, eventos tidos como milagrosos, atribuídos à presença do religioso enigmático, começam a se suceder na ilha, misturando-se às trajetórias dos demais habitantes e desafiando o ateísmo de Riley, que passa a investigar os acontecimentos misteriosos. A vilã implacável com suas atitudes hipócritas em nome de Deus surge disfarçada na sutileza de uma beata local (Bev Keane), cujos arquétipos se confirmam no talento para a fofoca, travestidos de zelo pela moral e bons costumes da comunidade. Erin Greene (Kate Siegel) é a única professora do lugar. Cresceu ao lado de Riley e, no momento presente, busca refúgio na igreja pela frustração de não ter se tornado uma atriz famosa. Sua tristeza e desencanto escondem a mesma falta de fé no futuro que perpassa habitantes de localidades como essas, nas quais faltam oportunidades profissionais.

O xerife Hassan, interpretado por Rahul kholi, vive com o filho adolescente Ali (Rahul Abburi). Ambos são mulçumanos e sofrem preconceito sob a suspeita de associação ao terrorismo. A islamofobia, aliás, é outra reflexão de natureza religiosa posta pela minissérie. Trata-se da aversão e do ódio praticados contra membros do islamismo ou que possuem origem étnica relacionada a esse universo. As consequências da exclusão levam o jovem Ali a pensar numa conversão ao catolicis-




mo no intuito de receber acolhimento das pessoas locais. É visível o quanto a religião católica se sobrepõe no arco dramático para vigiar pensamentos e punir crenças dissonantes através dos castigos divinos.

Outro exemplo de discriminação na pacata ilha pode ser corroborado pela personagem Sarah Gunning (Annabeth Gish), que abandonou sua fé não por razões religiosas, mas por rejeição homofóbica, o que aponta outra temática relevante da série. Como única médica da região, cuida sozinha da mãe, Mildred (Alex Essoe), uma idosa acometida pelos efeitos degenerativos do Alzheimer.

No entanto, a mulher que definhava melhora e rejuvenesce, milagrosamente, de um dia para o outro, com o tratamento espiritual do misterioso padre, desafiando o ceticismo da filha. Driblando a solidão, as questões homoafetivas e as dúvidas do processo de cura materna, a médica também passa a frequentar a igreja, em gratidão ao milagre ocorrido, sem desconfiar que o religioso, na verdade, é o pai com quem nunca conviveu. Tal fato também coloca em perspectiva a questão do celibato entre os dogmas católicos e a noção de pecado como parâmetro para julgamento dos feitos humanos.

Em suma, os membros da igreja local se apropriam do discurso da fé para interferir nos valores e costumes dos demais moradores no intuito de reprimi-los ou enquadrá-los. Numa analogia com o cotidiano social, a centralidade da religião se interpõe como controle dos minúsculos lugares, tal como aparece na trama. Afinal, nas pequenas comunidades, a igreja matriz é um personagem relevante para a vida comunitária, na qual os sacerdotes são tratados como membros das famílias, acompanhando suas gerações, e não apenas devido aos aconselhamentos espirituais por eles ministrados, mas pelos laços de afetividade construídos. Assim, são notados os gatilhos de intervenções nos âmbitos privados, em posturas que se confundem com o próprio ministério religioso, na




expertise de “salvar” algumas almas e “condenar” outras com ameaças de inferno, penitências e expiações de culpas. Imaginemos que, se houvesse um terreiro africano nessa comunidade, logo seria alvo de perseguição por destoar da lógica cristã predominante.

Parece-nos que, na ficção e em outros lugares, a língua afiada das beatas é fator comum exercendo protagonismo local ao evocar um padrão de verdades e justiça que costumam ser legitimadas por paráfrases bíblicas e/ou prescrição de normas do que é *certo* ou *errado*. A religião, a partir delas, sempre se revela com um dedo apontado para o combate e eliminação de posturas desviantes. Em face disso, o componente de humanização, convivência e solidariedade que deveria ressoar na prática religiosa é comprometido ao propagar segregações entre os grupos. No universo fronteiro da minissérie *Missa da meia-Noite*, monstros e anjos se misturam para narrar os limites e as atrocidades fundamentalistas da fé com suas mitologias ou engodos.

A linguagem ficcional para a reflexão da intolerância

Todorov (2010) evidencia que o terror é um gênero inspirado na literatura fantástica que mobiliza elementos sobrenaturais para provocar o medo e o mistério. Sua caracterização é polifônica e flutuante ao assimilar indícios de outros discursos e ressignificá-los, como o drama e o trágico. Imbricações entre o real e o irreal são forjadas com diferentes proporções retóricas de linguagem nas quais prevalece a evocação dos enigmas da espiritualidade.

A associação entre os cenários macabros e o “sobrenatural” em estéticas narrativas de suspense tem se mostrado uma fórmula eficaz na contação de boas histórias sobre universos sombrios (KING, 2012). Tais nuances parecem ser apropriadas para a abordagem do universo




religioso, pois, como propõe Nogueira (2010), os efeitos estéticos de terror fortalecem os arcos narrativos e acionam as experiências passionais e imersivas da audiência.

Quando acessamos a rica genealogia estética e discursiva do gênero horror, tratada por H.P. Lovecraft (1987), aprendemos ainda que “a emoção mais forte e mais antiga do homem é o medo, e a espécie mais forte e mais antiga de medo é o medo do desconhecido” (LOVECRAFT, 1987, p.10). O título da minissérie, em analogia, já propõe que a hora final do dia, ou a meia-noite, deve ser vista com temor. Afinal, ela integra o imaginário místico de muitas crenças, ao ser tratada como traiçoeira, demoníaca e perigosa: “É a hora dos pactos, das oferendas, em que os animais maléficos e os monstros infernais se apossam dos corpos e das almas” (DURAND, 2002, p. 73).

Nogueira (2010) admite a pertinência desses fluxos, lembrando que utopias e distopias, medos e quimeras, paraísos e apocalipses, criação e destruição são dimensões recorrentes ao terror no universo ficcional, onde monstros e heróis se enfrentam e se refazem por “afirmações religiosas”. Em *Missa da Meia-Noite*, é privilegiada a premissa de que a religião ou a magia foram sinônimos de poder ao longo dos tempos: dominaram tanto os valores familiares como os discursos de previsão do mundo, sustentando as expectativas no que está por vir ao propagar normas e leis aceitáveis para os grupos sociais.

Sublinha Chartier (2002) que a concepção cultural do diabo, enquanto construção mística e coletiva, derivada da historicidade, tem o propósito de alimentar a crença cristã como se essa fosse a única representação de uma verdade sagrada. Sob este ângulo, a religião e o medo são os pilares de relações que perseguem e assombam os destinos humanos, marginalizando denominações diferentes, que passam a ser alvos de estigmas e preconceitos como “coisas do diabo”.



No Brasil, membros das religiões de matriz africana são tidos como praticantes do mal e recebem olhares enviesados dos seguidores de outras vertentes religiosas, classificados de macumbeiros ou feiticeiros. Religiões como Candomblé ou Umbanda parecem travar uma luta permanente com os resquícios do sistema escravocrata colonizador na reafirmação diária de suas existências (re)inventando estratégias para a preservação de seus rituais (OLIVEIRA, 2011). A impressão que temos é que a batalha da diáspora africana assumiu outros contornos, mas não se extinguiu na sociedade brasileira, embora essa seja tributária das contribuições africanas na formação cultural do seu povo.

Magalhães et al (2012) explicam que a temática do sobrenatural e do demoníaco com suas diversas representações e achismos do senso comum são constantemente retomadas, reescritas ou reinventadas através da criatividade popular que se encarrega de difundir credices, lendas e mitos, que se misturam a ideias religiosas. “Daí que se compreenda a forma como a magia e a religião surgem constantemente como motivo e como contexto das narrativas ficcionais” (NOGUEIRA, 2010, p. 27).

A trama dialoga até com a sensação de medo, que se intensifica pela noite, pela escuridão ou por seres de outro plano, difíceis de observação nítida, apelando para a presença de sombras, penumbras e trevas. Por essa via, os elementos mobilizados em Missa da Meia-Noite aludem a tensões e temores que algumas crenças, entendidas como seitas profanas, instigam no espaço social pelo desconhecimento de seus saberes, valores e tradições. Como defende Marques (2018): “Entre o suposto vão que separa os domínios do Sagrado e do Profano, há uma série de mediações e agenciamentos que envolvem pessoas, lugares, deuses e coisas” (MARQUES, 2018, p. 222).



A ficção plasma o real?

Dimensões de sentidos da intolerância religiosa

Em Missa da Meia-Noite, qualquer crença ou pessoa que questione os processos de subjetivação cristã é sinônimo de “práticas do mal”. De que maneira estabelecer aproximações entre a narrativa e as violências que afetam as religiões de origem africana? Até que ponto o imaginário ficcional se liga à problemática da intolerância? Na tela, vemos um líder religioso carismático que induz a população a agir sob preceitos de irracionalidade. No espaço público brasileiro, igualmente constatamos que as religiões afro-brasileiras continuam sendo vítimas de uma marginalização irracional.

Embora os ambientes simbólicos sejam completamente diferentes, a intolerância provoca graves conflitos na concretude das relações sociais. Sempre que a cristalização de comportamentos preconceituosos é defendida como apologia de dogmas, o tradicionalismo religioso estabelece radicalismos e discriminações. As crenças de matriz africana, que ainda são consideradas grotescas ou exóticas, enfrentam as mesmas tensões sendo silenciadas por preconceitos racistas.

Nesse sentido, urge compreender o significado da categoria “intolerância”, cuja semântica retrata fronteiras e reações étnicas ou nacionalistas extremas, assim como constatamos embates entre regionalismos e mestiçagens, bem como profusão de separatismos radicais em qualquer âmbito. A partir dessa problematização, Bucci (2020) equipara o conceito de intolerância à tragédia do “não diálogo”. Num posicionamento análogo, Schiavo (2008) reitera que qualquer “incomunicação” denota ideias uniformizadoras que impedem uma convivência harmoniosa: “Por trás de qualquer fundamentalismo existe o anseio

pela pureza racial, o nacionalismo étnico, a ortodoxia religiosa e as identidades culturais homogêneas” (SCHIAVO, 2008, p. 175).

Silva (2019), por sua vez, declara que a sociabilidade negro-africana tem no terreiro um centro irradiador fundamental de princípios religiosos. Contudo, o senso comum, sob a influência de ideias cristãs, julga esse lugar e as práticas religiosas que nele ocorrem como sinônimos de lascividade e curandeirismo. No raciocínio de Sodré (2017), a imposição do cristianismo, conforme retratada na minissérie, silenciou as manifestações dos descendentes africanos e sufocou a sua dignidade, tornando-os estigmatizados por intolerância e preconceitos:

A liturgia dos africanos e de seus descendentes prestou-se a objeto de ciência (antropológica, sociológica, psiquiátrica, psicanalítica) no panorama dos estudos brasileiros. Nenhum deles deu a palavra ao negro. Este, na Modernidade assim como na antiguidade europeia, sempre foi tido como *aneu logon*, isto é, ‘sem voz’. Como várias outras formas de conhecimento submetidas ao colonialismo ocidental, o saber ético e cosmológico dos africanos sempre experimentou o silêncio imposto pela linguagem hegemônica (SODRÉ, 2017, p. 7).

Em sintonia com esse posicionamento, Oliveira (2011) enfatiza que a exclusão social dos negros se intercambia à sua religiosidade ancestral na sombra da colonialidade. Para a autora, o discurso da livre mestiçagem e da laicidade caracterizam uma democracia racial falaciosa. Nesse horizonte, a religiosidade negra, para se preservar viva, atesta a capacidade de resiliência dos povos originários frente a um racismo epistêmico. O preconceito que enxerga as práticas de fé afro-brasileiras como “menores” se fundamenta na perspectiva de que “se uma religião é verdadeira, as outras são falsas. Isso desemboca na ideia da



unicidade de crenças e, portanto, na exclusão do que é diferente” (OLIVEIRA, 2011, p. 123).

No plano das culturas, a estigmatização gera o individualismo e o absolutismo de pensamentos, assim como os preconceitos que provocam a invisibilidade do outro, que passa a não ser reconhecido, e muito menos respeitado por uma identidade “deteriorada” (GOFFMAN, 2004). Vertentes advindas de muitas cosmologias, por seus rituais e sincretismos, são práticas desacreditadas, ignoradas como atraso e superstição, assim como desmotivadas a reafirmar seus pertencimentos ancestrais. Uma racionalidade objetiva e arbitrária criou uma visão superior que suspeita de mitos e tradições religiosas orais. Tal visão se assemelha ao crivo do terrorismo contra os personagens mulçumanos de *Missa da Meia-Noite*: só o fato de existir naquela comunidade já os coloca como culpados por suas origens, aparências e crenças.

Julgamentos semelhantes perpassam o povo de terreiro, que continua invisibilizado aos olhos da sociedade cristã, exposto à violência da polícia, preso e violentado em seus corpos e lugares sagrados, apesar da passagem dos séculos e dos avanços dos tempos. Em linhas gerais, o bojo da repressão reflete o silenciamento e o medo que se tem da cultura negra, pois o lugar ocupado pela intolerância religiosa na sociedade não prescinde do racismo que afeta a condição humana.

Nesse sentido, é oportuno recorrer ao pensamento de Skliar (2006), que corrobora os impactos do conceito de intolerância, uma acepção que, por si mesma, já esconde um racismo sutil, disfarçado por verbos considerados democráticos, a exemplo de “respeitar, aceitar, tolerar, reconhecer”. O autor chama atenção para o fato de “se tolerar algo”, condição na qual não há prerrogativa de alteridade. Nesse caso, é como se houvesse omissão de ação, aceitação e convivência para não alterar determinadas estruturas de opressão social, conservando-se

sem reação, indiferente ao outro e às suas circunstâncias ou direitos de existência. Quanto mais fragmentada se apresenta a vida social, mais ressoa o discurso da tolerância [e do respeito] na impossibilidade da homogeneização pretendida.

Silva (2019) considera que a concepção de pecado, do mal, ou de um adversário do bem, é algo que, naturalmente, se vincula às religiões monoteístas e cristãs. Todavia, vale dizer que, no âmbito do politeísmo afro-brasileiro, não há antagonismos que se oponham à definição do bem. Portanto, os preconceitos são infundados, e ao se criticar tais práticas religiosas, a intolerância e o respeito assumem, então, um significado de superficialidade, como se substituíssem a ação, confirmando a apatia ou isenção de responsabilidade dos indivíduos, uma vez que muitos desconhecem o que criticam. Como afirma Skliar (2006), quem busca tolerar algo é sempre aquele que se coloca em posição de superioridade ao outro, e esse, por sua vez, parece “depende de quem o aceite”, quando todos somos, em certa medida, uma parte de outros.

Numa organização de obra relevante sobre intolerância religiosa, o autor referido menciona, com propriedade, os reflexos dos graves conflitos no campo social acerca dos ataques que grupos neopentecostais, notadamente da Igreja Universal do Reino de Deus, vêm realizando contra os cultos e adeptos das afro-religiões (SILVA, 2007) na sociedade contemporânea. O antropólogo narra que os casos de violência nem sempre são difundidos e registrados, mas se mostram motivados por associações equivocadas entre as entidades e os rituais dessas vertentes religiosas às práticas de feitiçaria e magia negra. Num movimento contrário, Póvoas (2007) ensina que “a comunidade dos terreiros é um exemplo de vida solidária, de interesse e respeito pela sua própria cultura e pela cultura de outros” (PÓVOAS, 2007, p. 10).



Martino (2016) atribui a intolerância ao desconhecimento da pluralidade multicultural, que é perpassada por uma miscelânea de correntes e tradições religiosas derivadas da imbricação de grupos e etnias. Os hibridismos são vistos com desconfiança, ao mesmo tempo em que alimentam a resiliência dos grupos afetados pelo estranhamento social e atitudes pejorativas, nas quais são ignorados os valores da ancestralidade africana, resultando em violências inaceitáveis. Daí, cumpre indagar: religiões afro são somente “religiões de pretos”? E por que o mundo religioso *precisa* ter cor? Em suma, as expressões de intolerâncias, como elucidada Oliveira (2011), atingem diretamente as práticas religiosas diaspóricas e suas simbologias desvelando questões multiétnicas e socioeconômicas que revelam o racismo estrutural e as desigualdades do país.

Certamente, como indica Marques (2018), interessa focar no modo como pessoas, deuses e coisas emergem mutuamente em suas relações sociais, sem reduzir as práticas diferentes a meras “curiosidades primitivas”, “crenças” ou a modelos explicativos baseados no regime de enunciação e validade judaico-cristão. Trata-se, nos termos do autor, da emergência pragmática de respeito e empatia que esteja atenta ao que as pessoas das religiões africanas “dizem e fazem”, levando a sério suas palavras e práticas, concedendo-lhes espaço para que suas vozes sejam ouvidas, garantindo-lhes o respeito e a visibilidade que lhes são negados. Numa sociedade multicultural como a brasileira, nem deveríamos enfrentar as questões suscitadas pela minissérie. Todavia, em que medida essa história de exclusão contribui para a resiliência das comunidades afro-religiosas? Há que se pensar, também, as implicações da negação e vitimação que as perpassam, analisando suas trajetórias ancestrais de permanência e superação de conflitos ao longo do tempo, por isso emerge a necessidade da escuta para a compreensão desse universo religioso.

Ao modo de (in)conclusão

Não é simples explorar a intolerância religiosa, uma conjuntura complexa, sobretudo nos limites de um artigo, afinal essa categoria solicita um rigor teórico-substancial que uma pesquisa em curso ainda não pode oferecer. No entanto, desenvolvemos aqui um esforço de leitura e aproximação com as sugestões narrativas de *Missa da Meia-Noite*, tomando a minissérie de terror como *locus* promissor de fruição e estudo para as retóricas do cristianismo que alimentam estigmas sobre outras denominações. A partir da Análise Temática foi possível vislumbrar que o imaginário sombrio mostrado na ficção constitui valiosa superfície de representação, apropriação, intencionalidades e disputas simbólicas acerca do imaginário popular e dos arquétipos religiosos no papel de repressão à pluralidade das crenças e seus códigos de (re)existência.

Mirando, pois, a complexidade do *ethos* religioso afro-brasileiro, a fase empírica da pesquisa terá o propósito de conhecer e registrar as narrativas dos discípulos de matrizes africanas a fim de expandir a discussão conceitual ora iniciada. De maneira incisiva, os diálogos de campo buscarão (re)dimensionar o nosso olhar, auxiliando-nos a descobrir se os adeptos sofrem discriminação religiosa no ambiente familiar, profissional ou escolar; se seus locais de culto já sofreram ataques e agressões; se têm conhecimentos das violências a terreiros noticiadas pelas mídias; se enfrentam algum constrangimento social em razão dos símbolos de fé que ostentam ou da própria cosmologia religiosa, entre outras questões que poderão ser demandadas, e que foram sugeridas pela minissérie.

Supomos que a captura das falas dos interlocutores pode se mostrar assertiva e necessária para se contrapor aos silenciamentos e à

invisibilidade a que suas crenças são submetidas, ainda que a liberdade religiosa do país lhes assegure suas liturgias. Por ora, as conexões e agenciamentos de Missa da Meia-Noite revelaram potencialidades, porque reverberam as consequências sombrias de ações preconceituosas contra as diferenças e práticas de fé. Nesse sentido, a narrativa se coloca enquanto metáfora evocativa e interpretativa sobre os fanatismos e fundamentalismos religiosos que assombram o nosso cotidiano social e que, infelizmente, não constituem obras de ficção.

Referências

ANAZ, Sílvio Antonio Luís. *Atributos de séries dramáticas de sucesso e engajamento da audiência*. Significação, São Paulo, v.45, n.50, jul-dez, 2018.

_____. *Arquétipo e catarse nas narrativas audiovisuais*. Matrizes. V.15 - Nº 2, mai./ago., São Paulo, 2021.

BUCCI, Eugênio. A intolerância ou a tragédia do não diálogo. In: INCERTI, Fabiano; CANDIDO, Douglas Borges (Orgs). *Olhares sobre o mundo: lições do café filosófico do Instituto Ciência e Fé PUCPR*. Curitiba: PUCPRESS, 2020.

BULHÕES, Marcelo. *A ficção nas mídias: um curso sobre a narrativa nos meios audiovisuais*. São Paulo: Ática, 2009.

CHARTIER, Roger. *A História cultural: entre práticas e representações*. 2ª ed. Lisboa: Difel, 2002.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GOFFMAN, Erving. *Estigma - Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

_____. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

JOST, François. *Do que as séries americanas são sintoma?* Porto Alegre: Sulina, 2012.

KING, Stephen. *Dança macabra: o terror no cinema e na literatura dissecado pelo mestre do gênero.* (Trad.) IBAÑEZ, Louisa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. *Ficção televisiva no Brasil: temas e perspectivas.* São Paulo: Globo, 2009.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; LEMOS Ligia Prezia. A construção de mundos na telenovela brasileira: um estudo de caso a partir das cinco personagens mais lembradas. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (Org). *A construção de mundos na ficção televisiva brasileira.* Volume 6. São Paulo: OBITEL/Editora Globo, 2019.

LOVECRAFT, Howard Phillips. *O horror sobrenatural na literatura.* Tradução de João Guilherme Linke. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1987.

MAGALHÃES, Antonio Carlos. et al. (orgs). *O demoníaco na literatura.* Campina Grande: EDUEPB, 2012.

MARQUES, Lucas. *Fazendo orixás: sobre o modo de existência das coisas no candomblé.* *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 38(2): 221-243, 2018.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *A comunicação na educação.* São Paulo: Contexto, 2014.

_____. *Dos Meios à Mídia. Um Conceito em Evolução.* São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2017.

MARTINO, Luís Mauro. *Mídia, religião e sociedade.* Das palavras às redes digitais. São Paulo: Paulus, 2016.

MIDNIGHT MASS (MISSA DA MEIA-NOITE) - Produção de Mike Flanagan. Estados Unidos: Netflix. 2021.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula.* Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise crítica da narrativa.* Brasília: Editora UNB, 2013.

NOGUEIRA, Luís. *Manuais de Cinema II: gêneros cinematográficos*. Coviilhã: LabCom Books, 2010.

OLIVEIRA, Irene Dias de. Religiões afro-brasileiras e etnicidade: novas sensibilidades num mundo multicultural. In: OLIVEIRA, Irene Dias de; REIMER, Ivoni Richter; SOUZA, Sandra Duarte de. (Orgs). *Religião, transformações culturais e globalização*. Goiânia: PUC, 2011.

PÓVOAS, Rui do Carmo. *Da porteira para fora: mundo de preto em terra de branco*. Ilhéus, BA: Editus, 2007.

SCHIAVO, Luigi. Síntese e perspectivas. In: MOREIRA, Alberto da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias de (Orgs). *O futuro da religião na sociedade global: uma perspectiva multicultural*. São Paulo: Paulinas, 2008.

SKLIAR, Carlos (Org.). Abordagens socioantropológicas em educação especial. In: CECCIM, Ricardo Burg, LULKIN, Sérgio Andrés, BEYER, Hugo Otto, LOPES, Maura Corcini. *Educação e exclusão: abordagens socioantropológicas em educação especial*. Porto Alegre: Mediação, 2006.

SILVA, Vagner Gonçalves da et al. *Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Exu: o guardião da casa do futuro*. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

SODRÉ, Muniz. *Pensar Nagô*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à Literatura Fantástica*. (Trad.) CASTELLO, Maria Clara Correa. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

Recebido em: 06/08/2022

Aprovado em: 18/10/2022

Licenciado por

